

RUBEM BRAGA

UM BOM NATAL 22-12-57

A CHEI que Tônia Carrero estava abusando de minha fiel amizade quando exigiu que eu fôsse ver «Natal na Praça», no Regina. Ela sabe que tenho o queixo duro, é difícil me puxar para dentro de um teatro; fui, mas fui na base do sacrifício.

Acontece que achei a peça encantadora. Perto de mim quatro padres davam risadas ao ver aqueles ciganos ignorantes interpretando os mistérios da infância de Jesus; mas houve instantes de silêncio comovido, e vi mais de uma jovem enxugando as lágrimas.

Coincidira que na semana passada um leitor (batista) me mandou, não sei porque, o Evangelho segundo Lucas; e outro dia Anibal Machado me deu de presente a Bíblia na tradução francesa de Crampon, que é a aprovada pela Igreja Católica. Comparando as duas versões, li todo o Evangelho, o que há muito não fazia. Aconselharia o leitor a ler pelo menos a história da infância de Jesus, antes de ir ao Regina. Não que isso seja necessário; mas é interessante ver como Henri Ghéon soube levar para o teatro a intensa e deliciosa poesia daqueles versículos.

A grande tristeza da história reside na figura de Maria. Ela achou graça perante Deus, mas desde que o menino faz 12 anos ela começa a sentir que não tem direito ao seu filho; o Filho de Deus é todo tomado pela sua missão e mais de uma vez em sua vida dará a entender com toda clareza que não reconhece nenhuma ligação especial com a pobre mulher do carpinteiro. «Minha mãe e meus irmãos são êsses que ouvem a palavra de Deus...». O simbolismo anacrônico usado na cena do templo me pareceu muito feliz para ilustrar as terríveis palavras de Jesus respondendo à doce repreensão de Maria por haver êle sumido durante três dias: «Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar na casa de meu Pai?».

Newton Freitas, que viu essa peça em Bruxelas, me disse que a turma da companhia Tônia-Celi-Autram soube montar e interpretar a peça no mesmo alto nível de uma grande companhia da terra de Ghéon. A direção, desta vez, é de Benedito Corsi, que estréia muito bem.

Religiosos de qualquer crença, e incrêus também, gostarão muito desse «auto em três partes», cheio de graça e poesia; levem as crianças e também os parentes velhos, que todos se sentirão banhados pelo espírito de Natal — o singelo, e puro, o verdadeiro, não êsse massacrado em nossos dias pela ferocidade interesseira das «promoções» de propaganda comercial.